

LITERATURA NA IDADE MÉDIA CENTRAL: *modus operandi* moralizadora da nobreza francesa

Elisângela Coelho MORAIS¹

RESUMO: A Literatura francesa produzida no período entre os séculos XI e XIII, vieram em meio a transformações sócio econômicas transmitir os ideais da cavalaria, e eram usadas para um público concentrado nas cortes, que buscavam se reconhecer na imagem idealizada de perfeição heroica reforçada pela literatura. Essa classe queria se diferenciar das demais criando leis e regras que deveriam ser seguidos e conhecidos por todos de sua categoria, além de serem moralizadoras, elas são instrumentos para incutir na mente do público valores e moldes de comportamento que os distinguiria e os auto identificaria, além de pacificar suas ações violentas, elas foram realizadas no chamado período cortês onde a França será palco de um movimento chamado literatura cortesã, as produções desse movimento se caracterizarão pela valorização do amor e da cortesia, além de exaltação da mulher e da sensualidade, nessas obras a participação da Igreja fica menos evidente.

Palavras-chave: Cavalaria, Literatura, Idade Média.

1.A LITERATURA E A CIDADE

Entre os séculos XI e XIII, a França passa por transformações que a levariam a um estágio maior no processo de industrialização e realizações sociais e econômicas e isso se reflete em vários campos da sociedade inclusive em sua produção literária.

As antigas narrativas históricas inicialmente eram feitas em latim, contudo a partir do século XI, elas começam a ser produzidas em língua vernácula e se mantiveram no modelo das gestas e escritas em prosa (epopeias), com certa carga de ficção, elas só irão se prender aos fatos somente nas primeiras décadas do século XIII, quando irão surgir os primeiros relatos de menestrelis e clérigos, a epopeia tomava na memória coletiva o papel de história (BLOCH,1981p.130).

É nas cidades que a literatura vai se expandir deixando de ser somente a feita pela Igreja e novas formas de literatura se destacam como um meio de expressão e de diferenciação de classes. Sobretudo a classe cavalheiresca que deixa de ser somente uma categoria profissional e se impõe como hierarquia. A literatura laica é uma reação

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Maranhão

ao monopólio cultural dominado pela Igreja, isso gerava a bipartição em cultura erudita (representada geralmente pela Igreja) e cultura folclórica (correspondente ao laicado). Mais tarde, a cultura laica e a clerical se fundem, ou até mesmo utilizam elementos umas das outras, num processo simbiótico.

Com a Idade Média central, assistiu-se a uma inversão da tendência que prevalecia até então, a da cultura clerical se impor à cultura laica. Tal fenômeno é conhecido por Reação Folclórica a recém-formada camada dos cavaleiros buscando sua identidade coletiva recorreu às tradições folclóricas (...) Assim como nos séculos anteriores, ocorreria a clericalização de muitos elementos folclóricos, agora dava-se a folclorização de elementos cristãos (FRANCO 2001 p 126).

O renascimento das cidades trouxe de volta a valorização da cultura local, assim como um maior destaque para a literatura, nas cortes citadinas que tinham além da nobreza que vinha do campo, a emergente burguesia comercial que era abundante e de grande importância para a economia dessas localidades. A cidade medieval também tinha uma nobreza oriunda da urbe, pelo menos nos séculos XII e XIII, sobretudo no sul. Não podemos pensar que só por que a cidade sobrepuja o campo, que com ele vão todas as suas estruturas (LE GOFF 1992 p.227).

O período utilizado para a formulação desse trabalho se posiciona entre os séculos XII e XIII, num momento de transformações em toda a Europa, como ponto de pesquisa será utilizado obras da literatura que mostram a categoria social denominada cavalaria, mais precisamente as obras escritas na temporada denominada de cortesia, escritas no dialeto d'oc.

Durante toda a Idade Média não há uma única língua francesa, mas sim diferentes dialetos: “cada província fala e escreve em seu dialeto. Esses dialetos podem ser divididos em dois grandes grupos caracterizados por divergências vocabulares e fonéticas: a langue d'oïl, ao norte... e a langue d'oc ao sul.(...) Dos dialetos d'oc um subsistiu como língua literária: o provençal (GIORDANI 1992 p.364).

As cidades do Norte e Sul da França, sempre apresentaram diferenças culturais e artísticas, no primeiro caso a épica teve maior destaque, já no sul a lírica foi mais forte, e do favorável ambiente do Sul, mais livre e com maior independência da Igreja, surge uma literatura laica forte e com temática mais sensual inspirada no prazer grego de *Eros*. O Norte achou a nova literatura com desconfiança e até mesmo temor das novas ideias herdadas dessa nova forma de expressão (HERR 1981 p.164).

Apesar de diferenças sociais e culturais, norte e sul se aproximam pelo romance, mas sua inspiração também as distingue, o norte é bem mais ligado à temática romanesca, a relação entre o cavaleiro e dama, o sul busca relatar as grandes batalhas, pode-se creditar essa diferença temática às distintas realidades de ambas as regiões. A organização do Norte é mais concordante, firme, e por isso no início do século XIII, domina o Sul.

“É nessa altura que se diversificam pela índole os dois movimentos literários; o do Norte, épico, guerreiro, fazendo da *luta* o seu tema capital, e o do Sul, sentimental, cortês, elegante, refinado, transformando a mulher no santuário de sua inspiração (SPINA 1996 p.22).

Norte e Sul franceses são os focos de desenvolvimento da cultura e literatura cortesã. Ela surge na Aquitânia, em reuniões da nobreza, frequentadas por damas da classe nobre, onde são recitados poemas em dialeto d’oc, composta por senhores no qual o tema principal é a relação amorosa, no norte, o público principal era de cavaleiros e sua temática era mais guerreira, com destaque à epopeia militar, e as virtudes da cavalaria era escrito na língua d’oil (PERROY 1974 p.56).

A lírica dos *troubadours* do sul e a épica dos *trouvères* do norte, já nascem com estilos próprios e característicos e vão buscar no romance e na língua local manifestações do verbo épico e lírico (SPINA 1996 p.18).

A literatura que se desenvolve no chamado círculo cortês, é geralmente constituída nas cidades, quando este surgiu, houve uma maior preocupação da nobreza com modos de comportamento, onde foi-se convencionado o que era ou não socialmente aceito. E essa será uma forma de introduzir a mulher no mundo inteiramente masculino da cavalaria. Tal civilidade, estritamente cavalheiresca, exclusiva da vida palaciana e nascida simultaneamente nos dois hemisférios da França, no decurso do século XI, rapidamente se difundiu e se afirmou em toda a Europa romana e anglo-germânica (ELIAS 1993 p.76).

A cortesia no início foi combatida pela Igreja, além de ter enfrentado certa resistência no Norte, já que se opunha aos hábitos mais rudes da sociedade local, ela só foi aceita por ter sido realizada por uma nobreza poderosa e ascendente, e por moralizar uma classe social ociosa com os períodos de paz, que precisava se basear em valores éticos na relação entre suserano e vassalo (SPINA 1956 p.23). E pelo fato da sociedade europeia viver no clima de constante instabilidade e por ter sempre presente o espírito

bélico das Cruzadas, a cortesia vem complementar a realidade da nobreza sempre voltada para a batalha.

Conforme Elias, “a pilhagem, a guerra, a caça de homens e animais – todas estas eram necessidades vitais, que devido à estrutura da sociedade, ficavam à vista de todos. E assim, para os fortes e os poderosos, formavam parte dos prazeres da vida” (ELIAS 1993 p.191). Por isso a gesta e a epopeia faziam o papel de disciplinadoras, pois era o meio mais eficaz de se chegar a uma população que não tinha grande apreço pelos livros, sobretudo, os escritos em latim.

Nesse sentido, Bloch afirma que

A epopeia, onde pôde desenvolver-se, exercia sobre as imaginações, uma ação tanto mais forte quanto um lugar de, como o livro, se dirigir exclusivamente aos olhos, beneficiava de todo o calor da palavra humana e desta espécie de insistência intelectual que deriva da repetição, pela voz dos mesmos temas por vezes das mesmas canções (BLOCH 1981 p.125).

As obras da literatura cortesã expressavam o ponto de vista da classe a que era dirigida: a nobreza, e refletiam sua auto imagem, além de resgatarem fatos do passado. Entretanto, é preciso se considerar que:

(...) essa visão de um mundo governado pela cavalaria, por mais superficial e errada que pudesse ser, era a melhor explicação de que dispunham para os problemas de ordem política. Servia-lhes como uma formula de compreenderem a espantosa complexidade de marcha do mundo (HUIZINGA 1978 p.75).

A literatura laica dos séculos XI - XII, terá uma função disciplinadora, onde tentará barrar o tom de agressividade vigente na sociedade. A ideia de civilidade parte da nobreza, que ao utilizar o conceito de civilizado, o coloca como um meio de fundar uma autoconsciência aristocrática, que fabrica para si uma autoimagem baseada na ideia de um modo de proceder socialmente aceitável, iniciado num estrato elevado da elite cavalheiresca, que buscava se distinguir, tanto para os outros, como para seus próprios olhos uma imagem baseada num código de leis próprio e exclusivo.

O padrão de ‘bom comportamento’ na Idade Média, como todos os padrões depois estabelecidos, é representado por um conceito bem claro. “Através dele, a classe alta secular da Idade Média, ou pelo menos alguns de seus principais grupos, deu expressão à sua auto-imagem, ao que em sua própria estimativa, tornava-a excepcional.” (ELIAS 1993 p.190). Essa civilização, vai ser exposta por sua classe criadora, como

uma evolução, um refinamento, além de ser um meio de controlar uma classe ociosa resultante da Paz de Deus-, transformam desordeiros em defensores da paz.

É que, como nos mostra Herr (1981), como a civilização cortesã nasce do desejo da alta nobreza em controlar seus súditos, impondo mesmo que indiretamente meios de comportamento e controle social, ela surge na corte de Eleanor d'Aquitânia, uma nobre descendente dos duques d'Aquitania e fundadores de Cluny, seu avô Guillaume IX foi considerado o primeiro trovador. Ainda, segundo Perroy (1974), ela vai se desenvolver num período onde a Europa medieval está passando por um momento de grande produção intelectual, e a língua vulgar está criando força, isso repercute nas altas camadas sociais medievais que estava tendo seu horizontes alargados com as cruzadas e campanhas militares. E vai encontrar terreno fértil na cavalaria para se consolidar, e é em nome deles, que ela vai conseguir destaque, suas obras vão ser construídas em honra aos cavaleiros.

Segundo Spina (1996), as cortes que são formadas a partir da noção de civilidade e que serão redutos da cortesia deram à nobreza um refinamento e o gosto pela elegância, produziram o conceito cortesão de amor, seu código moral baseados em conceitos religiosos e pagãos, além de estruturar a relação homem/ mulher.

A vida das aristocracias quando são ainda fortes, mesmo que de pouca utilidade, tende a tornar-se um jogo de salão. A fim de esquecerem a dolorosa imperfeição da realidade, os nobres dão voltas à contínua ilusão de uma vida heroica e elevada. Põem a máscara de Lancelot e Tristão. É uma tremenda auto ilusão (HERR 1981 p.190).

Antes do surgimento da cortesia a Igreja já buscava conter a classe cavaleiresca, mas essa contenção só será efetivamente realizada através da literatura laica. O motivo de tal progresso vem do fato de que a literatura cortês procurava analisar os sentimentos, buscando aprofundá-los.

É uma literatura de “sabedoria”: perigo, tentação, erro, pecado, falta de propósito e falta de realização, tudo é preciso, se a personalidade íntima de um homem tem de ser verdadeira e efetivamente aberta, modelada e enobrecida. A ciência em profundidade psicológica encontrada nesses romances é espantosa (pelo menos para os ignorantes da sabedoria que os mitos e os contos de fada geralmente contêm sobre esses assuntos). Incrustados neles estão todos os motivos do pai e da mãe usados para ilustrar as relações do herói com seus pais (HUIZINGA 1978 p.64, grifo do autor).

Ainda sobre o assunto, Elias (1993) nos ensina que além das mudanças econômicas provenientes das práticas de comércio, a cortesia trouxe outro tipo de transformação que aconteceu no concerne ao comportamento. O cavaleiro estava acostumado a levar uma vida repleta de combates, desde pequeno foi preparado para isso, tinha a agressividade na sua essência, e com a vida na corte, essa prática passa a ser limitada, em meio a regras e proibições, que se tornaram autolimitações. Essa mudança vai ocorrer no período que Marc Bloch chama de *tomada de consciência* que vai acontecer no momento em que o homem medieval passa a trabalhar sua erudição, onde os espíritos são convidados a “raciocinar adequadamente”.

Os participantes desse movimento eram membros da nobreza, que se descreviam como renascidos, novos, que tinham a capacidade de enfrentar os desafios que a cavalaria exigia. Apesar de surgir na França a essência da cortesia tem bases inglesas sobretudo célticas e anglo saxônicas (HERR 1981). O que é um contra senso, contra o império Capetíngio, outro antagonismo é a ativa participação feminina, uma afronta à autoritária e misógina sociedade sulista.

O novo homem feito aos moldes cortesões tem como características: ser amigo dos torneios, das danças e dos jogos; ser bom esgrimista, saber ler e cantar, conhecedor das artes liberais, para poder abrir uma escola em qualquer lugar. Bem diferente do homem movido por impulsos, o homem cortês é levado pelas ideias (D’HAUCOURT, 1994). A corte era o ponto de ligação entre o senhor e os vassallos, nela o senhor unia seus súditos e mantinha assim as rédeas de comando, ele divertia e os fechava numa rede de obrigações e de serviços (DUBY, 1994).

Isso porque, como nos mostra Huizinga (1978), os ideais de comportamento e educação eram observados inicialmente só pela fechada casta da nobreza, e esse movimento o auxilia a conservarem-se. As obras que são produzidas a partir do surgimento das primeiras cortes, evoluem em seu conteúdo, a arte vai prevalecer sobre a inspiração, a análise psicológica ganham importância, além de apresentarem uma certa influência da literatura árabe, graças às expedições guerreiras ao Oriente. Essa literatura ganha ares aristocráticos e passa a abordar o romance, cujo tema principal é o amor. Surge aí o romance cortesão (GIORDANI, 1982).

2. MODALIDADES LITERÁRIAS

2.1 Gestas

As canções de Gesta trazem o modelo heroico como temática central, elas serão as primeiras obras laica popularizadas em língua vulgar, sua inspiração vem dos ritos pagãos e lendas célticas, além do ideal guerreiro. O primeiro é o chamado Ciclo Carolíngio e trata da corte de Carlos Magno, e traz o delineamento do modelo de cavaleiro cristão, suas obras trazem influências primitivas e cristãs; foram elaboradas por clérigos que ainda possuíam em suas práticas resquícios da antiga religião pagã, sua principal obra é a *Chanson de Roland*.

O segundo ciclo é chamado Ciclo Antigo ou Alexandrino, este sofre menos influência cristã, por ser ambientada na Antiguidade, mas mesmo assim o seu herói não deixou de ser representado como um exemplo moral, apresenta forte influência das obras de Ovídio.

O terceiro é o mais conhecido, e se chama Ciclo Bretão ou Arturiano, tem como tema principal o rei Artur e seus cavaleiros, na versão original, Artur e seus companheiros são guerreiros celtas, com a revisão dos monges, Artur metamorfoseou-se em cavaleiro cristão, cortês e galante (FERNANDES, 2000). Essas obras logo tiveram aceitação do público, pois traziam em sua essência o espírito guerreiro do homem medieval, elas surgem por volta do ano 1050. E são tratadas como fatos históricos.

Em outras palavras,

As gestas francesas, no entanto mal tinham aparecido e já antes do ano 1100, alguns senhores davam aos filhos os nomes de Olivier e Roland, ao mesmo tempo que, atingido por um sinal de infâmia, o nome de Ganelon desaparecia para sempre da onomástica. Acontecia de estes contos serem referidos como documentos autênticos (BLOCH 1981 p.125).

As gestas eram transmitidas oralmente, através dos trovadores e jograis, que iam de cidade em cidade contando os feitos dos grandes heróis. Os jograis surgem na Europa por volta do século VII, mais vão ficar mais conhecidos no século XII, eram considerados inferiores aos trovadores, já que eles geralmente os acompanhavam e apenas recitavam as obras, não as compunham. O termo trovador é mais recente surge no século XI, e passou a concorrer com o jogral, e ganhou o significado de poeta-compositor, seus membros eram preparados e tinham conhecimentos em técnica poemática, recursos gramaticais e processos estilísticos. Um jogral poderia se tornar

trovador e vice e versa (SPINA 1956 p.52). Os trovadores são provas da evolução da sociedade medieval a partir do ressurgimento das cidades e da valorização da cultura.

A Idade Média cultivou motivos de um primitivo romantismo com uma insaciabilidade juvenil. Ao passo que em alguns gêneros de literatura –como a poesia lírica- a expressão de desejo e posse se ia tornando mais requintada, o romance de aventura preservou-o sempre na sua forma rude e ingênua, sem jamais perder o encanto para seus contemporâneos (HUIZINGA 1978).

Com o aprofundamento intelectual no século XII, as obras ganham uma nova configuração, exaltando o amor, tanto em sua forma carnal, como sua forma espiritual, além de ressaltar as virtudes da cavalaria e fazer uma alusão ao amor sensual. Assim se inicia uma nova forma de expressão literária, o romance.

A arte e a literatura se tornam opções viáveis de mudança de pensamento, além de comportamento social, moldando modelos de caráter, eloquência e o essencial, autodomínio, o homem recebe um novo adorno emocional que se refletia em suas relações político sociais.

2.2 Romance

O *romance cortês* que faz sua aparição no séc. XII, e se difere das canções de gesta na sua elaboração, nas suas fontes e nas suas intenções. Na sua elaboração, porque os metros, e a rima sofrem modificações; nas suas fontes porque o renascimento clássico do séc. XII exerceu grande influência no temário dessa literatura narrativa, bem como são evidentes os influxos do amor cortês na lírica meridional; e nas suas intenções, porque, ao contrário das canções de gesta, que eram poemas destinados a ser cantados ou declamados perante grande público, os romances cortesões eram narrativas versificadas que visavam a um público restrito, mais refinado, um público leitor - não somente um público ouvinte (SPINA 1971).

A literatura cortesã é um ataque aos hábitos e costumes ditados pela Igreja e pelas antigas aristocracias, ela demonstra uma concepção do amor a margem do casamento onde a dama era uma mulher casada, ela vai tocar profundamente os indivíduos que estavam acordando para uma nova abertura de conhecimento próprio e ampliação do poder da imaginação (HERR 1978).

A poesia cortesã apresenta três correntes essenciais: a antiga, a bretã e a meridional. Essa manifestação literária também possui elementos de aventura, só que em menor escala se comparada com as gestas, apresenta intrigas amorosas, monólogos que analisam sentimentos, além de retratar o cavaleiro como paciente e discreto (MICHARD & LAGARD 1965 p.44).

Entre os romances do ciclo clássico o mais antigo é o composto por Albéric de Besançon (ou Briançon), conhecido como o *Roman d'Alexandre*, contemporâneo da *Chanson de Roland*; do ponto de vista formal, muitos são os pontos de contato com essa canção de gesta (SPINA 1971 p.35).

Os romances da matéria bretã (arturiana e isoldiana), cujo primeiro e grande compositor foi Chrétien de Troyes, oferecem três fases mais ou menos nítidas na sua evolução: a dos criadores do gênero, a dos imitadores e a dos epígonos (isto é: Chrétien de Troyes, que pode ser considerado o verdadeiro criador do romance arturiano, representando a primeira fase com suas obras – *Erec*, *Cligès*, *Lancelot* ou *Lê Chevalier à la Charrette*, *Ivain* ou *Lê Chevalier au Lion*, *Perceval* ou o *Conte du Graal* (séc. XII);

Robert de Baron e os continuadores do *Conte du Graal*, são os representantes da 2ª fase (séc. XIII); finalmente no séc. XIV, em que o gênero em verso já se torna uma forma superada, mais uma reviravolta, no primeiro quartel do séc. XIII o gênero romanesco sofre violenta evolução, entre 1207 e 1213, ocorre a realização de uma das suas últimas obras, a *Conquête de Constantinople*. É a última fase do *Roman Breton*.

A terceira corrente apresenta influências orientais, mais luxuosa e com uma constante presença feminina, era apresentado nas chamadas cortes do amor, seus principais poetas foram, Frafré Rudel, Raimbaut de Ventadour (MICHARD & LAGARD 1965 p.44).

As obras serviram como veículos eficientes de transmissão de ideias e de moralização, elas tiveram grande alcance popular e conseguiram chegar a um grande número de pessoas, seja pelo modo em que eram transmitidas (através de recitação e acompanhadas por melodia, o que era de grande importância para uma população formada por uma ampla porcentagem de analfabetos), pela profundidade de seus personagens, pela destreza em que foram conduzidas por seus autores, ou até mesmo pela grandeza das narrativas, o que se sabe é que elas foram de importância para a construção de uma mentalidade acerca da nobreza, seus hábitos, e valores por ela defendidos.

Esse processo de solidificação de valores, teve o apoio da Igreja, que via a nobreza personificada na cavalaria, como uma classe que precisava de ajustes, pois, suas práticas eram consideradas inadequadas pelo clero, e como ela havia falhado sensivelmente em escrever para essa classe, viu que as gestas inicialmente, serviam para seus propósitos de mostrar exemplos de conduta, não só a igreja como também os senhores feudais, a obediência e submissão de seus heróis eram passados de pai para filho, e esse exemplo será cristalizado na mentalidade da nobreza medieval.

No caso da literatura cortes, essa possuía dois lados, de um ponto ela reduzia o ímpeto belicoso e as práticas agressivas dos cavaleiros, que se refinaram e se transformaram em cavaleiros, modelos de cortesia. Nesse viés ainda se acrescenta devido às pressões da Igreja, como norma da cavalaria, a defesa dos fracos e da fé.

Mas apesar disso, a literatura cortesã contrariava algumas normas clericais, pois também queria se diferenciar da Igreja, queria ter autonomia e estabelecer-se como uma camada social autônoma, podemos citar como exemplos dessa cultura anticlerical, a formação de torneios, a valorização da mulher, a adoção de elementos não cristãos na literatura, entre outros. A nobreza queria se destacar e se individualizar, isso é expresso nos personagens dos contos, onde as batalhas deixam de ser coletivas para serem individuais.

A cavalaria nas obras aparece como um modo de vida, uma diretriz a ser adotada, algo inerente e inato, não se pode fugir de suas obrigações, deve-se segui-la e cumprir o que ela determina aceitar valores como honra lealdade, e coragem, ter ojeriza por tudo contrário a ela, e punir a quem está contra ela, seja no sentido religioso, seja no sentido moral.

Elementos como honra, coragem e lealdade, são discutidos nos textos e são apresentados sobre a figura de homens singulares, que por isso, são exemplos a serem seguidos e imitados.

A batalha é expressa como ponto culminante, sua descrição é detalhada e seus pormenores esmiuçados, é nela que são dados os maiores arquétipos de coragem, fidelidade e força, características muito admiradas no período medieval e reforçadas, como características principais da cavalaria e nobreza medievais.

A literatura laica ratifica não só a guerra em si, mas dá possibilidades de se conhecer o interior dos atores desses combates e o que motiva os lados opostos a neles entrarem, e arriscarem suas vidas por eles. Demonstra a força dos laços entre cavaleiros e a importância da amizade, e procura representar o ambiente das batalhas de forma heroica e épica, onde o que nela está inserido é visto como um ser ímpar, quase mítico.

As manifestações que surgiram e se refletiram na literatura nos mostram um processo de interiorização pessoal e uma forma de se diferenciar da população laica, com relação ao clero, um meio dela se significar como uma classe superior e com uma moral própria, ressignificada e identificadora, representando as mudanças ocorridas no período.

REFERENCIAS

- AURERBACH.Erich **Introdução aos estudos literários** 2ª ed.São Paulo Ed.Cultrix,1972
 BLOCH.Marc **A Sociedade Feudal** pag.125.Edições 70,1981
 BRUNEL.Pierre(org). **Dicionário de Mitos Literários** Ed.José Olimpio,1998
 D'HAUCOURT.Geneviève **A vida na Idade Média** Martins Fontes,1994.
 DUBY.Georges **As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo** Ed.Estampa,1994
 ELIAS.Norbert **O Processo Civilizador.vol.2** Jorge Zahar Editor,1993
 FERNANDES.Ceres Costa **Apontamentos de literatura medieval: literatura e religião**, ed.AML 2000
 FLORI .Jean.**A Cavalaria : A origem dos nobres guerreiros da Idade Média** Madras 2005
 FRANCO JR,Hilário.**Idade Média Nascimento do ocidente**, Ed.Brasiliense 2001.

- _____. **A Eva Barbada: Ensaio de Mitologia Medieval**, EDUSP 1996
- GEREMECK, Bronislaw **Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia (1400-1700)** Cia das Letras. 1995.
- GIORDANI, Mário Curtis. **Historia do mundo feudal II/I Civilização**, ed. Vozes 1982
- HEARNshaw, F.J. “A cavalaria e o Seu lugar na História” **A cavalaria medieval** Porto. Livraria civilização.
- HERR, Jacques **A História Medieval**, DIFEL 1981.
- HUZINGA, Johan **O Declínio da Idade Média** Editora Verbo EDUSP. 1978
- L. Coquellin **literatura francesa** ed Delta-Larousse.
- LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média** Ed. Estampa Lisboa 1980.
- _____. **O apogeu da cidade medieval**, Martins Fontes 1992
- _____. **O imaginário medieval** Lisboa Ed. Estampa, 1994
- LLULL, Ramon. **O livro da Ordem de Cavalaria**. Trad. Ricardo da Costa. Ed. Giordano São Paulo. 2000.
- MICHARD, Laurent & LAGARD, André **Moyen Age** Ed. Bordas, 1965
- PERROY, Édouard **História Geral das Civilizações** DIFEL, 1974.
- PROENÇA FILHO, Domício **Estilos de época na literatura: através e textos comentados**, 15 ed. Editora Atica, 2004 São Paulo
- ORTON, C.W. Previtê. **História da Idade Média** ed. Martins Fontes
- SILVA, Miriam I.L. **Entre o amor e a cavalaria: Lancelot o cavaleiro da charrete**. SAECULUM 2004
- SPINA, Segismundo. **Apresentação da lírica trovadoresca**. Rio de Janeiro: Livraria Academica, 1956.
- _____. **Manual de Versificação Românica Medieval**. Coleção de Estudos Universitários – Edições Gernasa, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1971.
- _____. **A lírica trovadoresca**, ed. Edusp, 1996
- TROYES, Chretien; RIQUER, Martin (trad). **O Conto do Graal** “Texte littéraires français”, Genève-Lille, 1959.
- TROYES, Chrétien **Le Cont du Graal** Laboratório de Français Ancien Université d’Ottawa Faculté des Arts
- TUOLD; BERDIER, Joseph. **The song of Roland** On line Medieval and Classical Library Realese # 12
- _____. **Les Textes de la Chanson de Roland I** (Manuscrit d’Oxford) Éd.: R. Mortier, Paris 1940. vers 1110-1124.

LITERATURA NA IDADE MÉDIA CENTRAL: *modus operandi* moralizadora da nobreza francesa

ABSTRACT: The French literature produced in the period between the eleventh and thirteenth centuries, came amid socio economic convey the ideals of chivalry, and were used to an audience focused on cuts, seeking to recognize the idealized image of perfection heroic reinforced by literature. This class wanted to differentiate themselves by creating laws and rules that should be followed and known by all in its class, besides being moralizing, they are tools to instill in the minds of the public values and patterns of behavior that distinguish and identify self, addition to pacify their violent actions, they were held in the period called courtly where France will stage a movement called courtly literature, the productions of this movement characterize the importance of love

and courtesy, and exaltation of women and sensuality, these works the Church's participation is less obvious.

Keywords: Cavalry, Literature, Middle Ages.